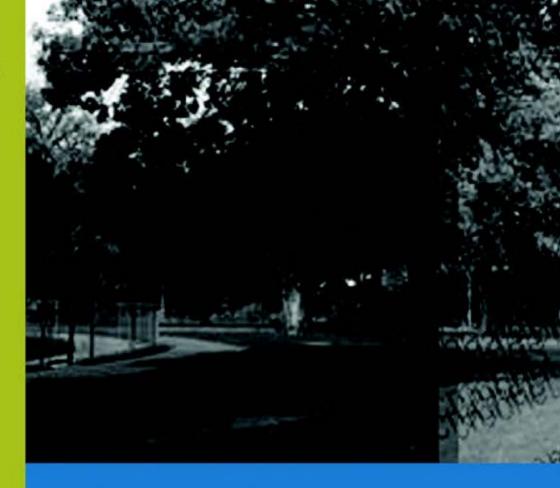
DOSSIER DO PROFESSOR

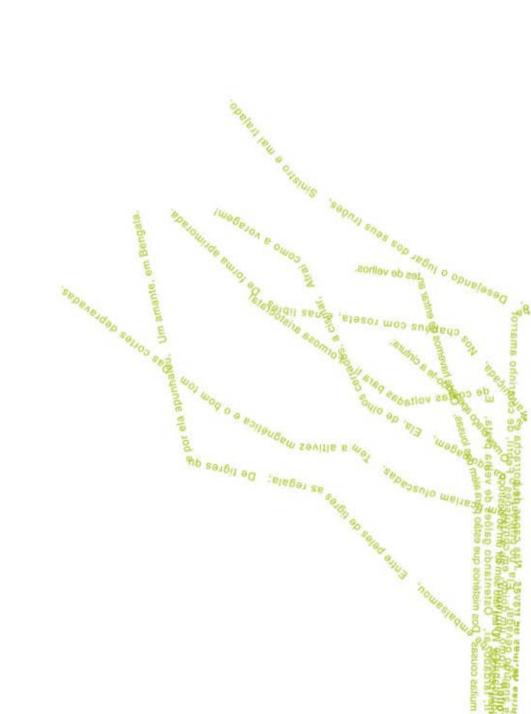












n livro que nos diga muítas cousas.



PERFIL BIOGRÁFICO DO AUTOR

José Joaquim Cesário Verde nasce em Lisboa a 25 de Fevereiro de 1855 e morre a 19 de Julho de 1886, no Lumiar. É filho de José Anástacio Verde, abastado comerciante de ferragens da Rua dos Fanqueiros, da praça de Lisboa. A família possui ainda uma Quinta em Linda-a-Pastora¹, com intensa exploração agrícola. Assim, as ocupações quotidianas do poeta repartiram-se por estas duas formas de actividade, embora, marginalmente, satisfizesse o gosto da leitura e da criação poética. Por esta razão, a sua vida vai deambulando, assim, entre lugares rurais e urbanos, potenciando ambivalências no seu comportamento, influenciando, de modo incontornável, o seu discurso e forma de estar no mundo.

Em 1865, com 10 anos de idade faz o seu exame de instrução primária. A família vive, nessa altura, na Rua do Salitre. Após o exame, e de acordo com a tradição familiar, deve ter principiado a sua actividade comercial ao balcão da loja paterna.

Cesário não possui, de facto, nenhuma formação académica. Aos 18 anos, em 1873, matriculou-se no Curso Superior de Letras, mas não conclui esses estudos. É nesta época (1873) que, pela primeira vez, se publicam composições suas no Diário de Notícias². Ainda em 1874 publica inúmeros poemas repartidos pelo Diário da Tarde (Porto), Diário de Notícias, na Tribuna e na revista portuense Harpa. Depois de 1875 a poesia de Cesário começa a revelar notável maturidade. Entre 1877 e 1880 publica "Num Bairro Moderno", "Em Petiz" e "O Sentimento de um Ocidental". Contudo, a falta de receptividade revelada pelos críticos de então levá-lo-á a um período de silêncio que dura quatro anos. Em 1884

¹ A casa de Cesário Verde, localizada na Rua Visconde Moreira Rey, em Linda-a-Pastora, é hoje o que resta como lugar que traduz a vivência bucólica do poeta Cesário Verde. Denominada Quinta de São Domingos, ou dos Verdes, como é máis conhecida em Linda-a-Pastora, foi adquirida por Giovanni Maria Verde (bisavo do poeta, de origem italiana) em 1798 e correspondeu a uma extensa quinta sobre o Jamor, chegando a alcançar uma área de três hectares

² Neste ano publica três poesias: A Força, Num Tripudio de Corte Rigoroso, O Áridas Messalinas. No Diário da Tardey do Porto, vêm a público Eu e Ela e Lúbrica.

ressurge com a publicação do poema "Nós", nele evocando a morte de uma irmã (que faleceu em 1872) e do irmão Joaquim Tomás (em 1882).

Republicano, agnóstico e "discípulo" da "livre escola de Coimbra"³, circulou pelos inúmeros lugares de cultura da cidade de Lisboa, por vezes alimentando as longas conversas e discussões com os colegas, outras vezes passeando a sua melancolia e a sua condição de estrangeiro na grande urbe.

Morre com 31 anos, vítima de tuberculose, nos arredores de Lisboa. Quando morreu, não reunira ainda em volume as suas poesias⁴. Será o amigo de sempre, Silva Pinto, quem edita, em 1887, *O Livro de Cesário Verde*. Contudo esta publicação não obedece a nenhuma indicação do autor, mas resulta da sua perspectiva crítica. Assim sendo, o *Livro* aparece dividido em duas secções, "Crise Romanesca" e "Naturais", sem respeitar a ordem cronológica de elaboração ou da publicação.

Este livro apresentava-se dedicado, por obra e graça de Silva Pinto, a Jorge Verde e era prefaciado pelo mesmo com algumas páginas repassadas de amor e de amargura, nas quais evocava a profunda amizade que o unira ao malogrado poeta. Com uma tiragem de 200 exemplares, que foram distribuídos por parentes, amigos e admiradores do poeta, O Livro de Cesário Verde foi reeditado inúmeras vezes a partir de 1901.

Em 1963 Joel Serrão será o responsável pela publicação da *Obra Completa*de Cesário Verde. Mais recentemente, em 2001, e na sequência deste
reconhecimento da modernidade contida na poesia de Cesário Verde, a Domo uno ser

Quixote edita o volume Poesia Completa, com nota introdutória de Joel Serrão.

CONTEXTO LITERÁRIO E INFLUÊNCIA DA OBRA DE CESÁRIO VERDE

"Para Cesário, como depois para Pessoa, o eu, o tu, o nós, o tempo irreversível, e as dimensões reversíveis do espaço, as coisas mais simples constituem problemas e despertam ânsias que a poesia apreende antes mesmo de se formularem em teoria."

Óscar Lopes – Entre Fialho e Nemésio – II. Lisboa: INCM, 1987, p. 473.

"A sua poesia é feita de integração audaciosa de duas perspectivas diversas sobre a realidade: a de um olhar aparentemente frio, natural, de que os seus poemas repercutem com insistência e complacência – e é esse sobretudo,

³ Refira-se a publicação da sua poesia intitulada Débil na revista coimbrã Evolução.

⁴ Refira-se que o incêndio que destruiu quase por completo a casa de Linda-a-Pastora, em 1919, onde o poeta viveu isolado nos últimos anos, fez desaparecer irremediavelmente o seu espólio literário.

o Cesário do nosso bolso íntimo, o Cesário das Naturais, precisamente – e de um segundo olhar, simultaneamente crítico e visionário, sem o qual a sua tão aclamada visão do quotidiano lisboeta ou campestre nunca teria ascendido ao céu da emoção nova, ao espaço do sonho instalado no coração do real, com a mesma naturalidade com que Nobre em perspectiva simétrica, instalou o real no plano do sonho"

Eduardo Lourenço – Os dois Cesários in Estudos Portugueses: Homenagem a Luciana Stegagno Picchio. Lisboa: Difel, 1991, p. 973.

No presente capítulo importa fazer uma breve contextualização literária e consequente influência da obra do poeta em questão sobre os autores posteriores. Muitas têm sido as interpretações em torno da escrita poética de Cesário, numa tentativa de descortinar o universo de sentido da sua obra. Naturalmente, que tal facto decorre da dificuldade em precisar o lugar de Cesário na história da literatura, tal é a riqueza e a novidade do seu discurso poético.⁵

Cite-se, a título de exemplo, as considerações pouco elogiosas de um Vitorino Nemésio ou Jorge de Sena ou, ainda, a apreciação de José Augusto França na obra *O Romantismo em Portugal* (1974) que afirma Antero de Quental, Gomes Leal e Guerra Junqueiro como os grandes poetas do período.

Na realidade, o próprio Silva Pinto, próximo de Cesário, manifesta uma certa incompreensão da sua obra. Uma atitude que possui um significado bem mais abrangente, uma vez que, na época e de um modo geral entre a elite intelectual lisboeta, existia uma certa surdez e resistência ao movimento modernista europeu (sobretudo contra Baudelaire e Zola). Ramalho Ortigão, com quem Cesário Verde, igualmente, se relacionou, fustiga-o em As Farpas, exigindo-lhe que seja "menos

⁵ Na realidade, não existe um consenso para a definição da obra poética de Cesário Verde enquanto unidade. José Augusto França classificou-a como romantica, Adolfo Casais Monteiro como surrealista, Vitorino Nemésio como naturalista, Martinho Nobre de Melo como parnasiana e Óscar Lopes como realista e modernista.



verde e mais cesárico". Fialho de Almeida que o admiraria, arranha-o também. E Teófilo Braga, o "Mestre" a tantos olhos (sobretudo aos dos positivistas e republicanos) referindo-se ao poema "Esplêndida", opinava "que um poeta amante e moderno devia ser trabalhador e não devia rebaixar-se assim".⁶

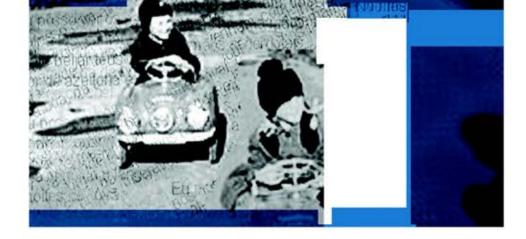
No entanto, e apesar da fraca receptividade manifestada pelo meio literário da época, a influência de Cesário cedo começará a notar-se na poesia portuguesa, nomeadamente em alguns dos seus contemporâneos, de que são exemplo António Fogaça, Coelho de Carvalho e Xavier de Carvalho.

Personalidade incompreendida do seu tempo, a formação de Cesário decorre no seio de um Portugal velho em plena transformação. Mas esta transformação tem início num tempo mais recuado. São inúmeras as vicissitudes que o país atravessa, no início do século XIX, mergulhando-o num clima de inquietude. A revolução liberal de 1820 e a tentativa malograda do Setembrismo, em 1836, para instalar um regime político democrático e para incentivar a indústria nacional, a perda do monopólio do Brasil, em 1822 (um dos mais importantes fundamentos económicos da vida portuguesa desde os princípios do século XVII), a guerra civil de 1832-1834 e a legislação revolucionária de Mouzinho da Silveira contribuem para um clima de incerteza e cinzentismo.

Assim, Portugal circunscrito apenas ao seu território, à sua pátria e aos fracos recursos, é obrigado a reconstruir-se, a recriar as suas possibilidades económicas, políticas e sociais. Só a partir de 1851, com a *Política da Regeneração*, com Fontes Pereira de Mello, se começam a vislumbrar francas possibilidades de mudança. A partir de então tornam-se visíveis os sinais de uma lenta transformação material do País, com importantes consequências sociais e tecnológicas. As cidades crescem, os homens do campo invadem o espaço urbano na demanda de uma vida melhor. O progresso traduz-se nas mais variadas formas, sobretudo na chamada Revolução do Vapor, dos Transportes e das comunicações.

Esta cisão cidade/campo, homem rural/homem urbano carrega consigo inúmeras alterações no modus vivendi da população. O rural quando transpõe as portas da cidade, adaptado a um mais estreito contacto com a natureza, traz consigo hábitos ancestrais que a vida agrícola condicionou, percepções e juízos, atitudes e aspirações, modos de ser peculiares. O próprio território urbano fica transfigurado com esta nova figura humana que o habita.

⁶ SERRÃO, Joel - Cesário Verde, Interpretação, Poesias Dispersas e Cartas. p. 12. As considerações de Ramalho Ortigão surgem no seguimento da publicação de Cesário intitulado "Esplêndida", cujo teor é muito Baudelaireano, desencadeando, naqueles que não eram receptivos aos novos olhares europeus, uma atítude crítica. Note-se, contudo, que Ramalho Ortigão virá a ser um grande admirador da obra de Cesário Verde. Contudo, esta julgamento dos contemporâneos de Cesário parece ser consensual.. Outro exemplo comprovativo de tal facto é a inexistência de qualquer referência ao autor na antologia organizada e prefaciada por Teófilo Braga em 1877, cujo título é Em Parnaso Português Moderno.



A vivência da urbanidade e o processo de industrialização em curso, a par com as profundas transformações operadas pela Revolução dos transportes e das comunicações, trazem ao homem da cidade outra consciência e outro modo de viver o espaço e o tempo.

Cesário, poeta da cidade, "poeta de Lisboa", reflecte, no fundo, esta nova ideia de cidadão do mundo. Poeta do desassossego, a sua escrita revela a mudança e abertura desta recente conjuntura, inaugurando um novo olhar poético.

A atribuição de diversas classificações literárias à obra de Cesário – romântica, surrealista, naturalista, parnasiana, realista e modernista –, produto simultaneamente da sua versatilidade e riqueza mas também de alguma incompreensão da dimensão inovadora que inaugura, justifica uma certa ideia de autor apátrida, que não pertence à sua época e cuja influência na literatura posterior se revelará inegável.

Poder-se-á dizer que os traços literários e interpretativos comummente aceites pelos vários críticos da obra Cesário estiveram, até há bem pouco tempo, informados e desenhados pela orientação veiculada por Silva Pinto, na edição do conjunto de poemas seleccionados. Para além do facto de O Livro de Cesário Verde não incluir a totalidade dos poemas do autor, a sua divisão em "Crise Romanesca" e "Naturais" condiciona uma leitura e interpretação equívocas do conjunto da sua obra. Silva Pinto limitou-se a fazer uma compilação adaptada aos cânones literários e sociais da época, sem sequer respeitar a ordem cronológica dos poemas.

Por outro lado, a principal tese interpretativa da obra de Cesário resulta da leitura e organização que o próprio Silva Pinto realizou da sua obra. A dualidade cidade/campo que o discurso cesárico reflecte pode ser perspectivada como "produto" da vida de Cesário Verde, dividido entre lugares rurais e urbanos, passeando a melancolia de um eu fragmentado, que não sabe muito bem o seu lugar no mundo.

Assimo define António Valdemar, num artigo publicado no Diário de Noticias, em 1987, a propósito do centenário da publicação de O Livro de Cesário Verde.

O campo apresentado na poesia de Cesário Verde não tem o aspecto idílico, paradisíaco que teve para poetas anteriores. Para Cesário Verde, o campo é o espaço real, do trabalho diário, do esforço da sobrevivência, da força da vida. Por esta razão a ruralidade é o território associado à vitalidade, ao rejuvenescimento, já que é visto como o lugar da terra, saudável e fértil.

1

No campo; eu acho nele a musa que me anima: A claridade, a robustez, a acção. (...)

IV

E perguntavas sobre os últimos inventos Agrícolas. Que aldeias tão lavadas! Bons ares! Boa Luz! Bons alimentos! Olha: Os saloios vivos, corpulentos, Como nos fazem grandes barretadas! 8

Nas antípodas deste modo de vide surge a cidade, local de miséria, sofrimento e dor. O espaço citadino desperta em Cesário Verde uma consciência social.

Nos poemas "O Sentimento dum Ocidental" e "Num Bairro Moderno" essa consciência é bem visível quando o sujeito apresenta, contrastando com o luxo e a riqueza das casas apalaçadas, a vendedeira "rota, pequenina, azafamada".

Aqui esta vítima da exploração citadina é uma nota de injustiça social. Segundo Hélder Macedo, a cidade tem uma dupla significação em Cesário Verde: ao nívelo umo se pessoal, a cidade significa a ausência, a impossibilidade ou perversão do amor; ao nível social, a cidade significa opressão:

Existem outras temáticas presentes na obra de Cesário, nomeadamente, temá da mulher gelada e fascinante, pura e angélica e questões decorrentes da sua vincada consciência social. Tal como anteriormente já foi referido, tais questões resultam das vicissitudes da época em que Cesário Verde viveu, das transformações, do despoletar das cidades anónimas e massificadas e das migrações que começam ocorrer nesta época, do campo para a cidade. Contudo, e o que importa aqui ressalvar é o facto da leitura realizada por Silva Pinto ter influenciado, de modo incontornável, inúmeros olhares, incluindo o de Hélder Macedo, que consideravam a dualidade referida (campo/cidade) como o núcleo a partir do qual a poesia de Cesário se vai organizar.

Todavia, esta tese saturante da obra do poeta tem vindo progressivamente a ser desconstruída.

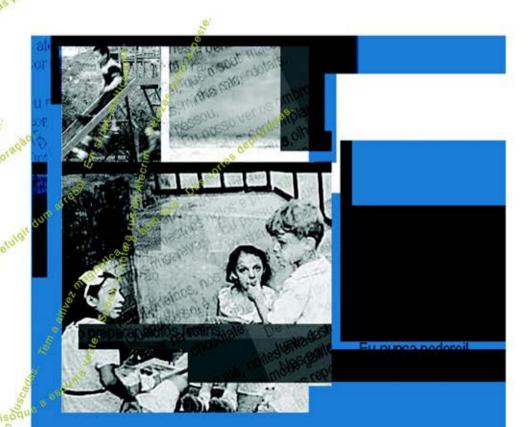
⁸ Obra completa de Cesário Verde. Organizada, prefaciada e anotada por Joel Serrão. Verão, p. 116 e 117.

A exegese tardia da obra de Cesário tem vindo a procurar compreender as transformações históricas do texto, as mudanças textuais que possam determinar a sucessão cronológica dos poemas.

O ano de 1878, ano da publicação do poema "Num Bairro Moderno" é unanimemente considerado pelos críticos da obra de Cesário como um ano significativo, nele se operando uma viragem, entendida por Óscar Lopes como "o atingir de uma admirável síntese", marcada pela descoberta de Baudelaire e da sua "poetização da cidade moderna", interpretada por João Pinto de Figueiredo como sendo a passagem para a fase de maturidade, assinalada por Joel Serrão como data do regresso ao Diário de Notícias e às revistas de grande circulação e por Salgado Júnior, que a analisa em função do que designa por "história da comunicação de Cesário com o público".

A partir de 1878, a produção poética de Cesário adensa-se qualitativamente e cresce em complexidade temática. Dos treze poemas que publica, sete são considerados "a cúpula da sua poesia" e são referência obrigatória em qualquer antologia lírica da língua portuguesa. Referimo-nos a "Em Petiz" e "Cristalizações" (1879), "O Sentimento de um Ocidental" (1880), "Nós" (1884) e "De Tarde", "De Verão" e "Provincianas". De assinalar é o facto destes poemas terem sido apenas postumamente publicados no Livro.

Em 1874, com "Esplêndida", Cesário Verde havia já afirmado a sua originalidade como poeta, mas precisamente a recepção do poema no meio literário foi de tal forma hostil que o ímpeto criador do poeta se deixou esmorecer. As reacções de Fialho de Almeida, Ramalho Ortigão e, sobretudo, de Teófilo Braga, por quem Cesário tinha franca admiração, sublinham a resistência por parte dos seus contemporâneos às marcas de decandentismo literário que nela perpassam.



Segundo Fernando Cabral Martins, é possível determinar dois períodos no percurso poético de Cesário, cada um com duas fases: antes e depois de 1878, definidos pelo surgimentos de quatro poemas fundamentais: "Esplêndida", 1874; "Num Bairro Moderno", 1878; "O Sentimento de um Ocidental", 1880 e "Nós", 1884.9

Cesário Verde é claramente um precursor da modernidade, das tendências de vanguarda e da contemporaneidade literárias. A originalidade da sua obra, denunciada desde logo pelas dificuldades sentidas pelos historiadores e críticos literários em inclui-la numa dada corrente, é simultaneamente produto de uma procura intencional da perspectiva do sujeito observador e da assimilação pessoal e criativa de influências, como é notoriamente o caso de Baudelaire.

Em "O Sentimento de um Ocidental", o tom desencantado e enfastiado é idêntico ao spleen das "Fleurs du Mal" de Baudelaire: ambos são expressão das inquietações próprias da vivência citadina e prefiguram a experiência do tédio, característica do modernismo e tão cara a Mário de Sá-Carneiro, Álvaro de Campos e Bernardo Soares.

Uma coisa parece poder afirmar-se: é que a poesia de Cesário reflecte as tensões e as contradições do seu tempo e contempla uma crítica à sociedade dos finais do século XIX. A sua poesia revela claramente propensão para a reflexão dialéctica e uma profunda consciência das crises sociais e civilizacionais em curso, sendo possível dela aferir o agnosticismo de Cesário, ligado à defesa do ideal republicano.

Os quadros citadinos que nos apresenta, "pintados" com a sua técnica uso so impressionista, dão-nos uma visão de transformações sociais que se dão na cidade, nomeadamente a nível da sociedade burguesa. As tensões sociais, económicas e culturais eram observadas nas deambulações que o poeta fazia pelas ruas da cidade. Além da consciência nítida das tensões sociais vividas na época, Cesário revela a consciência prévia de uma realidade em constante mudança. O devir e a natureza contraditória da realidade expressos no aforismo heracliteano 10 são características constantes da sua poesia.

O movimento dialéctico é, na óptica de Mário Sacramento, "inseparável das poesias mais características de Cesário". 11

⁹ Cf. MARTINS, Fernando Cabral - O Trabalho das Imagens. p. 14-16. Para um maior aprofundamento da obra cesárica sugerimos a leitura integral do I capítulo desta obra, intitulado "Cesário Verde ou a transformação do mundo". Neste capítulo, para além da contextualização histórica e literária, é apresentada a articulação da poesia de Cesário em séries textuais, subordinadas a diversas temáticas: o desejo, a mulher (como motivo, tema e simbolo) e o erotismo; a ideologia republicana, a fragmentação do eu (dividido entre a humilhação do burguês e exaltação do poeta); a glorificação da natureza e sublimação da morte, etc.

^{10 &}quot;Para os que entrarem nos mesmos rios, outras e outras são as águas que por eles correm... Dispersam-se e... reúnem-se...juntas vêm e para longe fluem... aproximam-se e afastam-se." (Heraclito de Éfeso, citado por KIRK, G.S. [et al] – Os filósofos pré-socráticos, 214, Fr. 12, pp. 201-202.)

^{**}SACRAMENTO, Mário – 'Lírica e dialéctica em Cesário Verde' in Ensaios de Domingo/1. Coimbra: Coimbra Ed., 1959, p. 124

A realidade é fixada em processo e o poeta recorre à contradição onde quer que o movimento é necessário 12, dai que essa captação dos instantâneos sentidos, vividos e observados implique uma diluição da fixidez mimética do realismo.

A poesia de Cesário Verde invade a nossa mente com imagens, cheiros e cores, como se as palavras e a construção frásica do poema fossem também pictóricas: pinceladas, traços, manchas. A sua escrita, extremamente plástica, denota uma ligação clara ao percepcionismo e uma frustração em relação a uma outra paixão secreta: a pintura.

(...) Pinto quadros por letras, por sinais, Tão luminosos como as do Levante

(...) Não poder pintar

Com versos magistrais, salubres e sinceros,
Esguia difusão dos vossos reverberos,
E a vossa palidez romântica e lunar¹³

A própria linguagem e estilo do poeta reflectem este sensacionismo de forma clara. A poesia de Cesário Verde é, já o dissemos, uma poesia do quotidiano, nela imperando um estilo que traduz uma atitude impressionista, produto da fusão de elementos do simbolismo, do decandentismo e do realismo-naturalismo. Através de uma perspectiva pictórica, o poeta descreve e analisa a paisagem, os panoramas num apelo às sensações visuais.

¹² Ibiden

¹³ Obra completa de Cesário Verde. Organizada , prefaciada e anotada por Joel Serrão. p. 108 e 132

A descrição do real é, na poesia de Cesário Verde, marcada pela utilização de uma linguagem colorida, assente na adjectivação expressiva, nas imagens e comparações originais, nas sinestesias abundantes, no uso expressivo do advérbio, nas metáforas e na ironia. Esta escrita pictórica traduz claramente a inquietude do poeta e o desassossego como lugar e espelho da sua verdade.

O rigor e a preocupação pela forma, aliados a uma certa valoração do descritivo, aproximam Cesário Verde da Escola Parnasiana, já que é notória a sua predilecção pelas quadras e versos decassilábicos e alexandrinos. Mas, por outro lado, a escolha de um vocabulário até então sem lugar na tradição poética, única forma de viabilizar o dizer poético do real imediato, do quotidiano e a assunção da perspectiva do observador, do que se impressiona e tem por verdade o saberse inteiro nessa condição da subjectividade, como evidencia o verso eu, de luneta, de uma lente só¹⁴, revelam um espaço próprio de narração¹⁵ que abre caminho à modernidade.¹⁶

A influência de Cesário Verde acentuar-se-á a partir dos finais do século XIX, tornando-se uma constante ao longo de todo o século XX. A este propósito, Óscar Lopes observa o seguinte:

"Em Cesário, de modo directo ou indirecto (a principal via transmissora directa foi Álvaro de Campos), e sem exclusão de convergências várias, encontraram várias gerações de poetas um estímulo para pisar quando necessário o terreno do prosaico imediato. Sentimo-lo em surrealistas (ou quase) como Cesariny e O'Neill, em Jorge de Sena e Cabral de Melo Neto, que por seu turno serviu de via a posteriores aferências realistas à Cesário, seu mestre... Sempre que uso so a poesia de Novecentos se abeira do realismo objectivo, mesmo no enquadramento de uma mundividência muito diferente, pensa-se logo em Cesário." 17

¹⁷ LOPES, Óscar - 'Alguns nexos discrónicos na poesía novecentista portuguesa' in AA. W. - Uni Seculo de Poesía: 1888-1988. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989, p. 212.



¹⁴ VERDE, Cesário – O Sentimento de um Ocidental

¹⁵ MACEDO, Hélder, citado por Maria Augusta Silva in Diário de Noticias de 9 de Maio de 2001.

Maria Filomena Mónica, no livro biográfico que escreve sobre Eça de Queirós, considera-o como o grande inovador da lingua portuguesa e coloca Cesário Verde no mesmo patamar. Cf. MONICA, Maria Filomena – Eça: o regresso impossível. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade, 2001.

Actualmente não há quem, no meio literário, não reconheça a poesia de Cesário Verde como precursora, a vários níveis. No entanto, este reconhecimento foi tardio e dá-se, sobretudo, em função do interesse suscitado pela exegese pessoana.

Para Fernando Pessoa, Cesário Verde ocupava um lugar de destaque entre os poetas maiores da modernidade¹⁸, como Camilo Pessanha e Antero de Quental. Segundo Pessoa, foi Cesário quem inaugurou a 'poesia objectiva¹⁹', quem antecipou o sensacionismo e com quem aprendemos 'a observar em verso.' ²⁰

A génese dos heterónimos Álvaro de Campos e Alberto Caeiro e a sua relação com a obra de Cesário têm sido alvo de diferentes interpretações por parte dos historiadores e críticos literários. Apesar das diferentes posições, é certo, até porque afirmado pelo próprio, que Cesário Verde teve uma importância fulcral e incontornável no universo de Pessoa.

Para Fernando Cabral Martins, os dois heterónimos "são os ramos divergentes de cada um dos termos dessa oposição originária cidade/campo. Campos fala de um Cesário que é o do 'Sentimento de um Ocidental', ou no final da 'Ode Marítima', o Cesário da 'cidade mercantil, contente', ao passo que Caeiro apenas sabe ' ler' um Cesário camponês 'que andava preso em liberdade pela cidade'."²¹

Diferentes são as interpretações de Óscar Lopes²² ou de José Augusto Seabra²³, que, embora reconhecendo a importância de Cesário Verde na génese da heteronímia pessoana, preferem seguir mais de perto a análise que o próprio Pessoa faz sobre a génese dos heterónimos, na famosa carta que escreve a Adolfo Casais Monteiro²⁴, na qual o poeta afirma ter sido a aparição de Caeiro, a condição de mediação necessária, por contraponto, ao seu regresso a si mesmo.

Mercê dos numerosos estudos pessoanos, a poesia de Cesário Verde começará, finalmente, a ser alvo da merecida atenção.

Gastão Cruz, num dos ensaios da colectânea A poesia portuguesa hoje²⁵, assinala a presença da influência de Cesário Verde nas experiências poéticas mais marcantes da contemporaneidade, quando afirma:

^{**}Hå um grande poeta gortuguês chamado Cesário Verde." (Fernando Pessoa, citado por COELHO, Jacinto do Prado; LIND, Georg Rudolf (orgs.) – Fernando Pessoa: Páginas de doutrina estética e de teoria e crítica literárias. 2* ed. Lisboa: Ática, 1973, pr. 221.

NOUADROS, António Sobra em prosa de Fernando Pessoa. Páginas sobre literatura e estética. Lisboa: Europa-América, 1986, p. 168.

²⁰ Ibiden

²¹ MARTINS, Fernando Cabral – Cesário Verde ou a Transformação do Mundo. Lisboa: Comunicação, 1988, p. 26.

²² LOPES, Óscar – Entre Fialho e Nemésio – II. Lisboa: INCM, 1987, p. 466.

²³ SEABRA, José Augusto – "Fernando Pessoa: "Ele Mesmo" e o Outro" in Fernando Pessoa ou o poetodrama. Lisboa: INCM, 1988, pp. 203-208.

²⁴ Cf.MONTERO, Adolfo Casais – A poesia de Fernando Pessoa. 2º ed. Lisboa: INCM, (imp.) 1999.

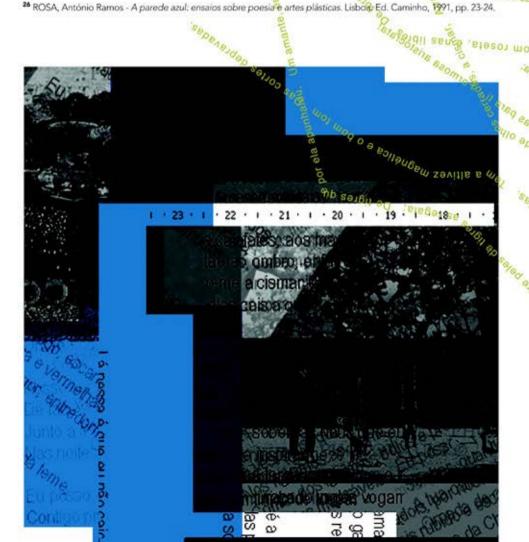
²⁵ CRUZ, Gastão – A poesia portuguesa hoje. Lisboa: Plátano, 1973, pp. 204-205.

"Entre 1965, ano da publicação do primeiro livro de Armando Silva Carvalho, 'Lírica Consumível'... e 1970, em que aparece 'Corpo Agrário' de Nuno Guimarães, surgem no quadro da poesia portuguesa, algumas das experiências decisivas, particularmente as que os livros 'Boca Bilingue' (1966) de Ruy Belo, 'Micropaisagem' (1968) de Carlos de Oliveira, 'Dezanove Recantos' (1969) de Luiza Neto Jorge (aos quais poderá acrescentar-se '(Este) Rosto', já de 1970, de Fiama Hasse Pais Brandão) documentam.

Todas essas experiências visam, sobretudo, retomar, em novos termos, a tradição discursiva da poesia portuguesa moderna (que parte de Álvaro de Campos ou, mais remotamente, de Cesário Verde)."

Tal como dirá António Ramos Rosa, "a moderna consciência poética descobriu que o 'objecto' que o poeta diz não é independente da linguagem que o formula. Assim, a linguagem já não "traduz" a realidade, pois ela própria cria uma nova realidade" ²⁶.

E essa liberté de la parole de que falava Rimbaud foi, entre nós antecipada por Cesário Verde, o Mestre.



O Livro de Cesário Verde Maratona de Leitura

O objectivo desta actividade é o da realização de uma Maratona de Leitura da obra poética *O Livro de Cesário Verde*, que terá lugar no dia 14 de Maio, a partir das 15.00 horas, na Biblioteca Municipal de Oeiras.

O que se pretende é a celebração da obra de Cesário Verde, num registo informal em que cada leitor dê voz ao seu poema preferido, partilhando-o com a assistência de uma forma despretensiosa. Para que tal aconteça será adoptado o seguinte modelo para a Maratona da Leitura:

- Durante a maratona será efectuada uma leitura integral da obra O Livro de Cesário Verde
- Cada poema será lido publicamente por uma pessoa (convidado ou voluntário)
- Pretende-se uma leitura em voz alta despojada de artifícios dramáticos ou cénicos
- A escolha do poema deverá ser efectuada pelo leitor em articulação com a Organização
- A leitura dos poemas será organizada em blocos de 90 minutos com intervalos de 30 minutos
- · A maratona será orientada por um coordenador que funcionará como elo condutor

A participação na Maratona da Leitura implica, no caso dos voluntários, a realização de uma inscrição prévia, até dia 1 de Abril, nas Bibliotecas Municipais de Oeiras. Apesar de se dar uma especial atenção ao envolvimento dos jovens estudantes, as inscrições estão abertas a todas as pessoas interessadas. No acto da inscrição os leitores deverão indicar o poema que vão ler. Poderão também indicar quais os ateliers de preparação estão interessados em participar.

Durante o mês de Abril (aos sábados) será realizado um conjunto de ateliers de preparação cujo objectivo passa por dar aos leitores um apoio ao nível do apuramento do seu registo de leitura (ritmo da leitura, colocação de voz, expressividade da leitura, etc.). A participação nestes ateliers é facultativa estando sujeita a uma inscrição prévia.

Ao longo da Maratona de Leitura acontecerão um conjunto de actividades paralelas: Mostra Bibliográfica, onde constarão diversas edições da obra e sobre a obra poética de Cesário Verde; Exposição de Trabalhos, que foram apresentados ao concurso Cesário Verde – Um pintor nascido poeta; Apresentação Multimédia, que estará a ser exibida em sessão contínua no Auditório da BMO; Performances Poéticas, espaço aberto a leituras encenadas da poesia de Cesário Verde; Café com Letras, espaço de cafetaria que servirá de apoio à Maratona de Leitura.

A Maratona da Leitura será registada em áudio para, posteriormente, ser disponibilizada na íntegra no site www.oeirasaler.com. Será também efectuado o registo vídeo e o registo fotográfico. A todos os leitores envolvidos na Maratona

de Leitura será oferecido um exemplar da obra O Livro de Cesário Verde autografado por todos os leitores.

Calendário de desenvolvimento das actividades:

- Fim do prazo de inscrição para participar na Maratona (1 de Abril)
- Realização de Ateliers de Preparação (9, 16, 23 e 30 de Abril)
- Realização do Ensaio Geral (13 de Maio)
- Realização da Maratona da Leitura (14 de Maio)

Cesário Verde: Um pintor nascido poeta Concurso de Artes Visuais

Uma das vertentes mais marcantes da poesia de Cesário Verde é o seu carácter pictórico. Este concurso tem por objectivo levar os alunos a apropriarem-se da obra do poeta e a reelaborarem-na através das artes visuais.

Podem concorrer todos os alunos do 3° ciclo do ensino básico e do ensino secundário das escolas do Concelho de Oeiras. A participação no concurso é individual. Os trabalhos a concurso serão enquadrados em dois escalões: 1° escalão, alunos dos 7°, 8° e 9° anos; 2° escalão, alunos dos 9°, 10° e 11° anos. As formas de que se podem revestir os trabalhos são diversas:

- Ilustração
- Pintura
- Desenho
- Fotografia
- Banda Desenhada
- Cyberarte

Os pormenores sobre o processo de concurso estão estabelecidos nas Normas Regulamentares, cujas cópias podem ser obtidas nas Bibliotecas Municipais de Oeiras ou nas Bibliotecas Escolares.

Os trabalhos devem ser entregues, até ao dia 1 de Abril, nas Bibliotecas Escolares. Depois de uma selecção prévia deverão ser enviados a concurso somente três trabalhos por escola em cada um dos dois escalões, num máximo de seis trabalhos por escola. Depois de recebidos nas Bibliotecas Municipais de Oeiras, os trabalhos serão avaliados por um Júri que definirá os três primeiros lugares de cada um dos escalões. Para além dos prémios individuais será atribuído um prémio colectivo à Escola que apresentar o leque de trabalhos de maior qualidade. Ambos os prémios constarão de conjuntos de livros.

Os trabalhos concorrentes serão apresentados publicamente durante a Festa da Poesia, numa exposição que estará patente na Biblioteca Municipal de Oeiras. A abertura da exposição dos trabalhos e entrega dos prémios será efectuada durante a Maratona de Leitura, que terá lugar no dia 14 de Maio, a partir das 15.00 horas, na Biblioteca Municipal de Oeiras.

A exposição dos trabalhos premiados será incluída num circuito itinerante que incluirá todas as escolas participantes no concurso. Os trabalhos a concurso poderão também ser incluídos na Apresentação Multimédia que se realiza durante a Maratona da Leitura. Calendário de desenvolvimento das actividades:

- Fim do prazo de inscrição para participar no Concurso (1 de Abril)
- Abertura da exposição e entrega dos prémios (14 de Maio)
- Encerramento da exposição (22 de Maio)

de colarinho amarro

Bibliografia:

ANTÓNIO, Jorge Luís - Cores, forma, luz, movimento: a poesia de Cesário Verde. São Paulo: Ed. Musa, s/d.

AZEVEDO, José Pires Lopes de - Memória de Cesário Verde e da sua poesia no palácio de Sotto-Mayor. Figueira da Foz: Soc. Figueira Praia, 1987.

BARRETO, Luís de Lima - Literatura portuguesa: 12º ano. 4º ed. Lisboa: Texto Ed., 1992.

BENTO, José - 'A poesia portuguesa entre dois séculos' in AA. VV. Um século de poesia portuguesa: 1888-1988. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.

BOM, Laurinda; AREIAS, Mª Laura - Cesário Verde: uma proposta de trabalho. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

BUESCU, Maria Leonor – História da literatura. Lisboa: Comissariado para a Europália 91: INCM, 1991.

CARTER, Janet – Cadências tristes: o universo humano na obra poética de Cesário Verde. Lisboa: INCM, 1989.

onul sues sob legul o obnelesed CASTRO, Sílvio - O percurso sentimental de Cesário Verde: análise semântica da obra poética. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1990.

COELHO, Jacinto do Prado; LIND, Geor Rudolf (orgs.) - Fernando Pessoa: Páginas de doutrina estética e de teoria e crítica literárias. 2º ed.Lisboa: Ática, 1973.

COELHO, Jacinto do Prado; LIND, Geor Rudolf (orgs.) - Fernando Pessoa: Páginas íntimas de auto-interpretação. Lisboa: Ática, 1973.

COELHO, Jacinto do Prado - 'Cesário e Baudelaire' in Estrada Larga - 1. Porto: Porto Editora, s/d.

CRUZ, Gastão - A poesia portuguesa hoje. Lisboa: Plátano, 1973.

FERREIRA, David Mourão - 'Notas sobre Cesário Verde: um pintor nascido poeta' în Hospital das Letras. 2ª ed., Lisboa, INCM, 1981.

FERREIRA, David Mourão - 'Sobre o decassílabo e o alexandrino na poesia de Cesário Verde' in Sob o mesmo tecto. Lisboa: Ed. Presença, 1989.

LOPES, Óscar - Entre Fialho e Nemésio - II. Lisboa: INCM, 1987.

LOPES, Rita Sousa - Para uma leitura de Cesário Verde. Lisboa: Ed. Presença, 2000.

LOPES, Teresa Rita – 'Pessoa, Sá-Carneiro e as três dimensões do sensacionismo' in Cadernos da Colóquio Letras: Modernismo e Vanguardas, nº 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

LOURENÇO, Eduardo – 'Os dois Cesários' in Estudos Portugueses: Homenagem a Luciana Stegagno Picchio. Lisboa: Difel, 1991.

MACEDO, Hélder - Nós, uma leitura de Cesário Verde. Lisboa: Plátano, 1975.

MACEDO, Hélder - Cesário Verde, o romântico e o feroz. Lisboa: & Etc., 1988.

MARTINS, Fernando Cabral – **Cesário Verde ou a transformação do mundo**. Lisboa: Comunicação, 1988.

MARTINS, Fernando Cabral – O modernismo em Mário de Sá-Carneiro. Lisboa: Estampa, 1997.

MIRANDA, Paulo José - Um prego no coração. Lisboa: Ed. Cotovia, 1998.

MÓNICA, Maria Filomena – **Eça: o regresso impossível**. Ver. Soares de Almeida. Coord. Téc. Clara Cabral. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade, 2001.

OEIRAS. Câmara Municipal – **Oeiras: Homenagem a Cesário**. Oeiras: Câmara Municipal, 1986.

ORTIGÃO, José Duarte Ramalho - As Farpas. 5ª ed. Lisboa: Emp. Lit Fluminense, 1926.

PIMENTEL, F J Vieira – Literatura portuguesa e modernidade: teoria, crítica e ensino. Braga: Angelus Novus, (DL) 2001.

PORTUGAL. Biblioteca Nacional – **Cesário Verde 1855-1886: Catálogo da exposição comemorativa do 1º centenário da sua morte**. Ed. Lit. Pedro da Silveira. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1986.

PORTUGAL. Secretaria de Estado da Cultura – **Cesário Verde**. Des. José Maria Saldanha. Lisboa: SEC, 1986.

QUADROS. António Obra em prosa de Fernando Pessoa. Páginas sobre literatura e estética. Lisboa: Europa-América, 1986.

RECKERT, Stephen - Um ramalhete para Cesário. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.

REIS, Carlos [et al] – História crítica da literatura portuguesa (7 vol). Lisboa: Verbo Ed., 1998.

RODRIGUES, Fátima - Cesário Verde: recepção oitocentista e poética. Lisboa: Cosmos, 1998.

SACRAMENTO, Mário - 'Lírica e dialéctica em Cesário Verde'in Ensaios de Domingo/1. Coimbra: Coimbra Ed., 1959.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar - História da literatura portuguesa. 17º ed. Porto: Porto Editora, 2001.

SEABRA, José Augusto - Fernando Pessoa: "Ele Mesmo" e o Outro in Fernando Pessoa ou o poetodrama. Lisboa: INCM, 1988.

SERRÃO, Joel - Cesário Verde: para uma edição crítica das suas poesias. Coimbra: [s/n, DL 1956].

SERRÃO, Joel (org.) - Obra completa de Cesário Verde. 6º ed. Lisboa: Horizonte, 1992.

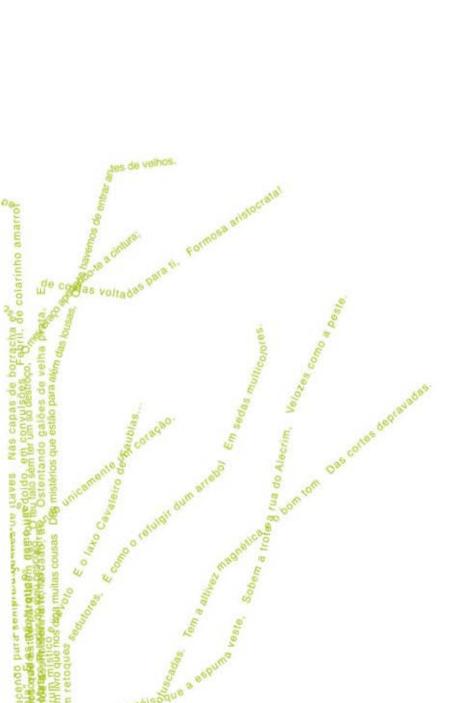
SERRÃO, Joel - O essencial sobre Cesário Verde Lisboa: INCM, 1986.

SOARES, Maria Luísa de Castro - Cesário, poeta-pintor realista? - a arte de fazer "um novo corpo orgânico aos bocados". Vila Real: UTAD, 1998.

TEIXEIRA, Dulce Pereira; TRILHO, Lurdes Aguiar – Sugestões de análise com propositiones de resolução de textos líricos: Luís de Camões, Bocage, Almeida Garrett, Cesário de Sopre Porto Editora, 2000.

Livros Horizonte, 2003.









Biblioteca Municipal de Oeiras Av. Francisco Sá Carneiro, 17 Urb. Moinho das Antas 2780-241 oeiras

tel. 21 440 63 35 / 36 oeirasaler@cm-oeiras.pt www.oeirasaler.com